



Como um anjo que

Público

Ípsilon

20-01-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Cultura

Dimensão: 1417

Imagem: S/Cor

Página (s): 20 a 21

A vida é complicada, cheia de camadas, entrelinhas e ilusões, mas com promessas de fuga e redenção perfeitos, é certo, mas quem gostaria de nós se fôssemos? Paula Rego tem agora a sua primeira



Anjo, 1998

No centro de uma sequência narrativa atravessada pela representação de múltiplos estados emocionais, onde a paixão (nas suas várias vertentes, familiares e pessoais, sociais ou políticas) está presente. A figura de uma mulher poderosa, identificável como um "Anjo", vingador e piedoso, que segura nas mãos a espada e a esponja, símbolos da Paixão de Cristo ou da sua força castigadora, materializa e sintetiza a iconografia do tema. Helena de Freitas

Sempre que pinta, Victor Willing está por perto. É ela que o diz. É raro o pintor ficar de fora das suas conversas. Conheceram-se em meados dos anos 50 e viveram juntos até à morte do artista britânico, em 1988. Paula Rego diz que ele lhe faz falta todos os dias. Se o tema é a paixão - de homens e de deuses - então Willing está em toda a parte, mesmo quando não se vê.

"Paula Rego", a exposição que acaba de abrir em Paris, na nova sede da Fundação Gulbenkian, reúne 30 obras desta artista que nasceu em Portugal há 77 anos e vive em Londres há quase 40. Gravura, desenho e sobretudo pintura num conjunto de

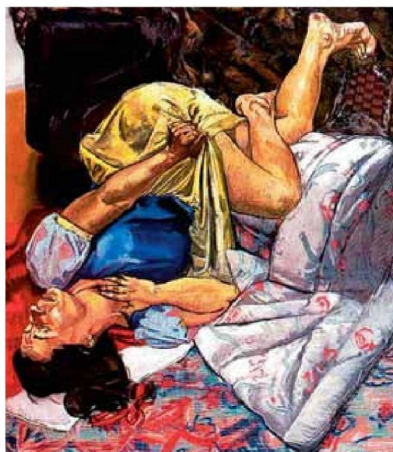
obras das últimas décadas que tiveram projecção internacional e que revelam um desejo de reinvenção permanente, um domínio das técnicas que críticos e curadores como Marco Livingstone dizem ser apenas comparável ao dos grande mestres, e uma humanidade comovedora, cheia de contradições.

"A Paula Rego está sempre insatisfeita, quer sempre fazer mais e melhor, nunca se acomoda. E isso vê-se na sua obra", explica Helena de Freitas, directora da Casa das Histórias, o museu de Paula Rego em Cascais, e comissária da exposição. "Ela começa a trabalhar nos anos 50 e, se olharmos para o que fez, podemos identi-

Branca de Neve Engole a Maçã Envenenada, 1995

A Branca de Neve como heroína para a artista desenvolver temas tão actuais como o crescimento e a afirmação da sexualidade feminina em contextos familiares e sociais. A partir de Grimm, Paula Rego desenvolve o seu guião narrativo e artístico, que transpõe e adapta à medida das circunstâncias do presente, onde quer intervir.

Há uma linha oblíqua, de tensão maneirista, que atravessa a pintura e intensifica os sinais do sofrimento da rapariga, que à beira da morte e caindo no chão, não deixa de se tapar, como gesto final de salvação e pudor. H.F.



Sem Título (A Cinta), 1995

A força da ambivalência e da subtil dissonância na figura de Maria Madalena, santificada e prostituta, desconfortável e prisioneira de uma cinta que simultaneamente a esconde e a expõe. H.F.

ficar várias fases, datá-las. Estão unidas pelo mesmo modo de pensar e de abordar os temas, têm uma identidade de muito forte, mas os modos de fazer estão sempre a mudar."

Os temas saem de uma paleta imensa, dominada pelas memórias, sobretudo as da infância, pelos contos tradicionais, a cultura popular portuguesa, as referências dos livros e do cinema, e a experiência quotidiana, "a vida como ela acontece", disse numa entrevista no final dos anos 90. É por isso que não devemos estranhar que Helena de Freitas tenha escolhido "A Família" (1988) para abrir a exposição. Nesta pintura, duas raparigas manipulam um homem, como se tentassem devolver a vida a um corpo inerte que há muito deixou de obedecer ao seu dono, perante o olhar de uma terceira, que parece rezar de costas para a janela, junto a um oratório que associa às figuras de Maria Madalena e de S. Jorge uma fábula de Esope. "A menina à janela é a menina dos milagres, mas não consegue fazer mi-

lagre nenhum", explica Paula Rego no catálogo da exposição. O homem é Vic Willing e a pintura é feita num período particularmente duro da vida da pintora, quando o marido estava já numa fase terminal. Sofria de esclerose múltipla há 20 anos quando morreu, em Junho de 1988. Há muito tempo que dependia destas mulheres - da própria Paula Rego, das filhas do casal, e de Lila Nunes, que haveria de cuidar dele até ao fim, transformando-se nesse processo na assistente e modelo da pintora.

"Do ponto vista plástico 'A Família' marca uma ruptura importante, mas é uma obra fundamental também por causa dos afectos, é importante para compreender a Paula Rego. Ela fez esta pintura quando o marido estava a morrer - há aqui um certo imobilismo, uma coisa muito tensa, mas depois vemos uma janela aberta, um oratório, uma esperança. É muito dramática, complexa e extraordinariamente cenográfica. É como estar perante uma peça de teatro", diz a comissária.

Essa construção teatral, por vezes até coreográfica, é uma constante na composição em Paula Rego. Uma composição que começa geralmente pelo desenho a partir do natural, a partir do que vê. "Primeiro ela constrói o desenho e depois ela estrutura, compõe e organiza a pintura, transformando o atelier numa espécie de palco onde dispõe o que quer pintar", acrescenta Helena de Freitas. A pintura é, então, contaminada por muitas outras disciplinas, da literatura (como a série inspirada no romance de Eça de Queirós, "O Crime do Padre Amaro") ao cinema (as avestruzes saídas do filme "Fantasia", da Disney), passando pelo teatro (o triptico "O Homem-Almofada", a partir de Martin McDonagh, e "As Criadas", devedoras da peça homónima de Jean Genet). "Há um lado de performance no seu trabalho e isso é também muito contemporâneo e subversivo." Philippe Dagen, crítico de arte do "Le Monde" e autor de um dos textos do catálogo, gosta de sublinhar

Como um anjo que

nas janelas rasgadas no meio das sombras, nas mulheres que desafiam, apesar de tudo. Não somos exposição de pintura em França. Na nova sede da Gulbenkian, em Paris, até 1 de Abril. *Lucinda Canelas*

esta contaminação e chega mesmo a defender que “Paula Rego poderia ter dado, sem dúvida, uma extraordinária realizadora”.

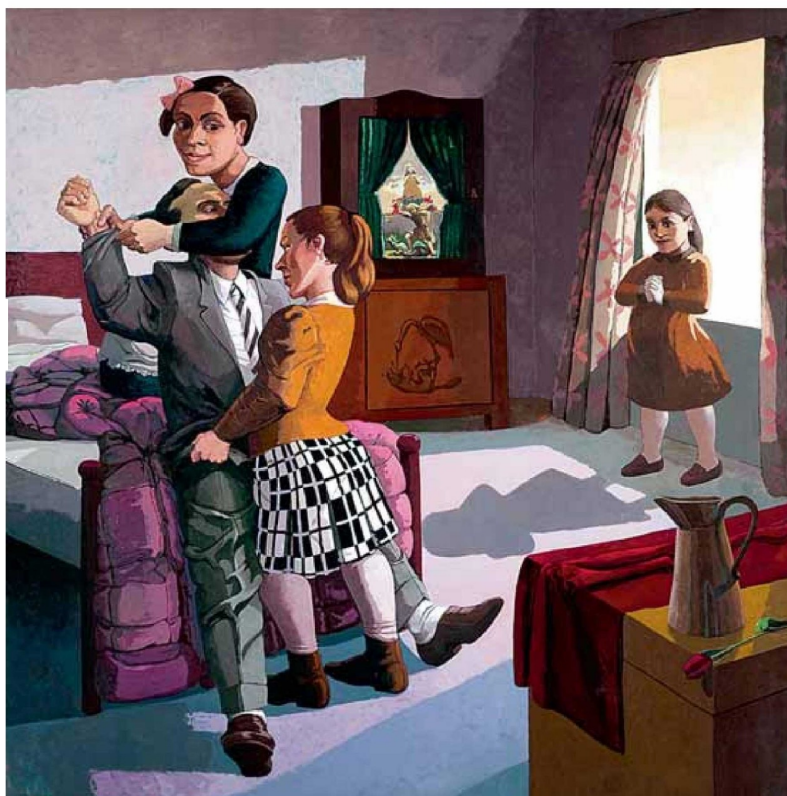
Falso naturalismo

Influenciada pelas suas memórias e pelos acontecimentos do dia-a-dia, domésticos ou não, a artista apresenta uma singularidade de composição que para Dagen é essencial. Com a sua formação e a sua “técnica pictórica complexa e informada”, seria errado dizer que Paula Rego pinta de um ponto de vista infantil, mas é justo afirmar que “às vezes se põe à altura das crianças para poder olhar os adultos como ‘pessoas grandes’, muito maiores do que ela e muito mais cómicas e inquietantes, como só uma criança sabe fazer”, explica ao Ípsilon o crítico do diário francês, que gostaria de ver a obra da artista exposta ao lado da de Louise Bourgeois e da de Annette Messager, que também usam as memórias de infância como referente mas que o fazem através de outros meios, como a escultura e a instalação.

Este recurso da composição alia-se a outros que levam Helena de Freitas a falar de “um falso naturalismo” quando se refere à pintura de Paula Rego. Falso porque? “É falso porque há muita coisa por trás da pintura que nós não vemos. É pintado do natural, é verdade, mas é um natural que não tem nada a ver com o real, que parte de uma construção narrativa muito pessoal. Mesmo a própria alteração de escalas - nada daquilo é natural. Por exemplo, n’ “O Descanso na Fuga para o Egipto” [1998], há uma desproporção gigante entre as figuras e isso não é real, é inventado. É feito com a intenção de provocar uma reacção. É uma distorção que perturba, que incomoda, que nos faz parar e pensar que aquela pintura quer dizer mais do que parece.”

Se há matéria em que a pintora é particularmente subversiva é na construção da narrativa, mesmo quando ela parte de obras de referência conhecidas, como o já referido “O Crime do Padre Amaro” - na exposição estão cinco obras inspiradas no romance de Eça: “Entre Mulheres”, “Olhando para Fora”, “Mãe”, “A Cela” e “Anjo” - e “Branca de Neve” dos irmãos Grimm (“Branca de Neve e a Madrasta” e “Branca de Neve Engole a Maçã Envenenada”, ambas de 1995).

“É a partir da sua própria experiência que ela transforma as histórias”, diz Helena de Freitas. E é esse aspecto confessional que Marco Livingstone elogia quando escreve sobre a sua timidez, quando convida alguém a



“A Família”, de 1988, uma obra que marca uma ruptura importante

visitar o seu estúdio para ver uma obra em que está a trabalhar: “Ela sabe que se sente envergonhada porque está a revelar muito de si mesma, mas compreende que esse é o preço a pagar para nos convencer de que o que está a dizer é verdade.”

Sempre ambivalente

É através da série d’ “O Crime do Padre Amaro” que o tema da paixão e das emoções humanas - fio condutor escolhido pela comissária - conhece mais uma das suas vertentes. “Anjo” faz uma referência directa à Paixão de Cristo. Lila Nunes serviu de modelo a este anjo que é todo matéria, com a espada numa mão (na Paixão o instrumento usado é uma lança) e a esponja na outra. Esta pintura é tam-

bém paradigmática no que toca à ambivalência na sua obra. Não se trata de uma tentativa de auto-retrato, garante a comissária, mas diz muito sobre a pintora. “Na realidade não é um anjo, é absolutamente carnal, uma mulher daquelas verdadeiras, que faz muita sombra. Há nela qualquer coisa que vinga e qualquer coisa que perdoa. Mostra que, com a Paula não há uma verdade absoluta, como na vida também não há. As pessoas, os comportamentos, os desejos, nada disto é linear. É toda esta complexidade que passa para os seus trabalhos e é por isso que, quando os vemos, muitas vezes nos confrontamos connosco, com as nossas próprias imperfeições, com o que queremos, com o que deixámos para trás.”

Os comportamentos contraditórios, diz Philippe Dagen, estão lá porque fazem parte do que somos: “A mãe pode transformar-se em prosti-

tuta, a santa em diaba, o carrasco em vítima, e vice-versa. [...] É impossível saber o que fazem as figuras que Paula Rego inventa, o que são - é impossível porque a verdade dos seres é demasiado mutável para ser compreendida.”

A sua pintura é ambivalente porque é profundamente humanizada, defendem Livingstone e Dagen. Helena de Freitas concorda e demonstra, evocando a série que Paula Rego fez em 1998 quando em Portugal se discutia a despenalização do aborto, com obras expostas em Paris: “Ela coloca o sagrado, o quotidiano e o místico em planos perfeitamente indiferenciados. Nas pinturas do aborto a mulher está numa posição de grande fragilidade física, mas de grande superioridade moral. A cabeça sempre erguida, a postura do corpo, o olhar... Esta é uma mulher que afronta, que desafia, que está longe

“Com a Paula Rego não há uma verdade absoluta, como na vida também não há. As pessoas, os comportamentos, os desejos, nada disto é linear. É toda esta complexidade que passa para os seus trabalhos e é por isso que, quando os vemos, muitas vezes nos confrontamos connosco, com as nossas próprias imperfeições, com o que queremos, com o que deixámos para trás”
Helena de Freitas, comissária

de se comportar como uma vítima.”

A intervenção em temas sociais e políticos é algo que interessa cada vez mais à pintora. “Guerra”, uma obra de 2003, é também um território de intervenção, desta vez contra a invasão do Iraque. Tal como a maioria das obras presentes na exposição que termina a 1 de Abril, é feita a pastel, uma técnica em que Paula Rego demonstra toda a sua mestria, segundo Livingstone. “Nas mãos de Paula Rego o pastel é aplicado em golpes corajosos, fortes, nítidos e dinâmicos, que se misturam mais quando os olhos à distância do que sob os seus dedos”, escreve, enquanto elogia o seu domínio da cor, das linhas e da composição, “que de nada serviria se estes quadros não conseguissem levar-nos além da arte e não nos fizessem reflectir sobre a própria vida”. Uma vida inquieta e apaixonada, no caso dela.

vinga e que perdoa